

MARCEL PROUST

A PRISIONEIRA

Tradução

Manuel Bandeira
Lourdes Sousa de Alencar

11ª Edição, revista por
Olgária Chaím Féres Matos



EDITORA
GLOBO

SUMÁRIO

Vida em comum com Albertine 7

Os Verdurin rompem com o sr. de Charlus 179

Desaparecimento de Albertine 303

pensar assim. Sem dúvida o purpurejante septeto diferia singularmente da branca sonata; a tímida interrogação a que respondia a frasezinha, da súplica ofegante por achar a realização da estranha promessa que, tão estrídula, tão sobrenatural, tão breve, fazendo vibrar o rubor ainda inerte do céu matinal, retinira sobre o mar. E todavia aquelas frases tão diferentes eram feitas dos mesmos elementos, pois do mesmo modo que havia um certo universo, perceptível para nós em parcelas dispersas aqui e acolá, em tais e tais residências, em tais e tais museus, e que eram o universo de Elstir, aquele que ele via, aquele onde ele vivia, assim também a música de Vinteuil estendia, nota por nota, pincelada por pincelada, as colorações desconhecidas de um universo inestimável, insuspeitado, fragmentado pelas lacunas que deixavam entre si as audições da sua obra; essas duas interrogações tão dessemelhantes que comandavam os movimentos tão diferentes da sonata e do septeto, uma quebrando em curtos apelos uma linha contínua e pura, a outra ressoldando numa armação indivisível fragmentos esparsos, eram no entanto, uma tão calma e tímida, quase desprendida de tudo e como filosófica, a outra tão insistente, ansiosa, implorante, eram no entanto uma mesma prece, mas rebentando diante de auroras interiores diversas e somente refratada através dos meios diferentes de outros pensamentos, de pesquisas de arte em progresso no decurso de anos em que ele havia querido criar alguma coisa nova. Prece, esperança que era em suma a mesma, reconhecível sob seus disfarces nas várias obras de Vinteuil, e que, por outro lado, só eram contraditórias nas obras de Vinteuil. Aquelas frases, poderiam os musicógrafos assinalar-lhes o parentesco, a genealogia, nas obras de outros grandes músicos, mas só em virtude de razões acessórias, de semelhanças exteriores, de analogias mais engenhosamente achadas pelo raciocínio do que sentidas pela impressão direta. A que davam essas frases de Vinteuil era diferente de qualquer outra, como se, a despeito das conclusões que parecem resultar da ciência, o individual existisse. E era justamente quando ele buscava poderosamente ser novo, que se reconhecia sob as diferenças aparentes, as analogias profundas; e as semelhanças intencionais que havia no seio de uma obra, ao retomar Vinteuil repetidas vezes uma mesma frase, diversificando-a, divertindo-se em mudar-lhe o ritmo, em fazê-la reaparecer sob sua forma primitiva, essas semelhanças intencionais, obra da inteligência, forçosamente superficiais, jamais chegavam a impressionar tanto quanto as semelhanças, dissimuladas, invo-

luntárias, que se patenteavam, sob cores diferentes, entre as duas obras-primas distintas; pois neste último caso Vinteuil, procurando ser novo, interrogava-se a si mesmo com toda a pujança de seu esforço criador, e atingia a sua própria essência em profundezas onde, seja qual for a pergunta que se lhe faça, é com a mesma entonação, a sua entonação, que ele responde. Essa entonação, a entonação de Vinteuil, aparta-se da entonação dos outros músicos, por uma diferença muito maior do que a percebida por nós na fala de duas pessoas, mesmo no mugido e no grito de duas espécies animais; pela própria diferença que há entre o pensamento desses outros músicos e as eternas investigações de Vinteuil, a questão que ele se propunha sob tantas formas, sua especulação habitual, mas tão despojada das formas analíticas do raciocínio como se se exercesse no mundo dos anjos, de sorte que podemos medir-lhe a profundidade, mas sem a traduzir em linguagem humana, como se dá com os espíritos desencarnados quando, evocados por um médium, este os interroga sobre os segredos da morte. E ainda levando em conta aquela originalidade adquirida, que tanto me chamara a atenção desde essa tarde, e o parentesco que os musicógrafos pudessem descobrir, é realmente uma entonação única a que se elevam, a que retornam, mau grado seu, esses grandes cantores que são os músicos originais, a qual é uma prova da existência irredutivelmente individual da alma. Podia Vinteuil tentar escrever música mais solene, mais grandiosa, ou mais viva e mais alegre, fazer o que via a refletir-se favoravelmente no espírito do público, Vinteuil, mau grado seu, submergia tudo isso numa onda vinda de seu eu mais profundo, que lhe torna o canto eterno e imediatamente reconhecível. Esse canto diferente do canto dos outros e semelhantes a todos os seus, onde o aprendera, onde o ouvira Vinteuil? Cada artista parece assim como que o cidadão de uma pátria desconhecida, esquecida dele próprio, diferente daquela donde virá, rumo à terra, outro grande artista. Quando muito, dessa pátria parecia Vinteuil em suas últimas obras ter se aproximado. Nelas a atmosfera já não era a mesma da sonata, as frases interrogativas tornavam-se mais instantes, mais inquietas, as respostas mais misteriosas; o ar deslavado do começo e do fim do dia parecia influenciar até as cordas dos instrumentos. Por melhor que tocasse Morel, os sons emitidos pelo seu violino me pareceram singularmente ásperos, quase gritantes. Essa aspereza agradava, e como em certas vozes, sentia-se nela uma espécie de qualidade moral e de superioridade